

ECONOMIA

Economia - Brasil

2002, um ano para ser esquecido

Receita e rentabilidade das 500 maiores empresas desabaram. Endividamento disparou

Editoria de Arte

Flávia Oliveira

RIO e SÃO PAULO

Apesar de 1999, o ano da desvalorização cambial, foi pior. De três décadas em que a Fundação Getúlio Vargas (FGV) elabora o ranking das "500 maiores empresas do Brasil", 2002 foi o segundo pior da série. Houve queda real de 3,6% na receita operacional das companhias e nada menos que 214 delas fecharam o ano no vermelho. O lucro líquido de R\$ 23,6 bilhões em 2001 transformou-se num prejuízo de R\$ 12,5 bilhões no ano passado. A margem líquida de lucro caiu (de 2,49% para 1,41%), a rentabilidade despencou (2,76%, contra 5,77% em 2001) e o grau de endividamento bateu recorde. As empresas estão devendo quase uma vez e meia (1,46) seu patrimônio, o nível mais alto desde 1970, primeiro ano do levantamento.

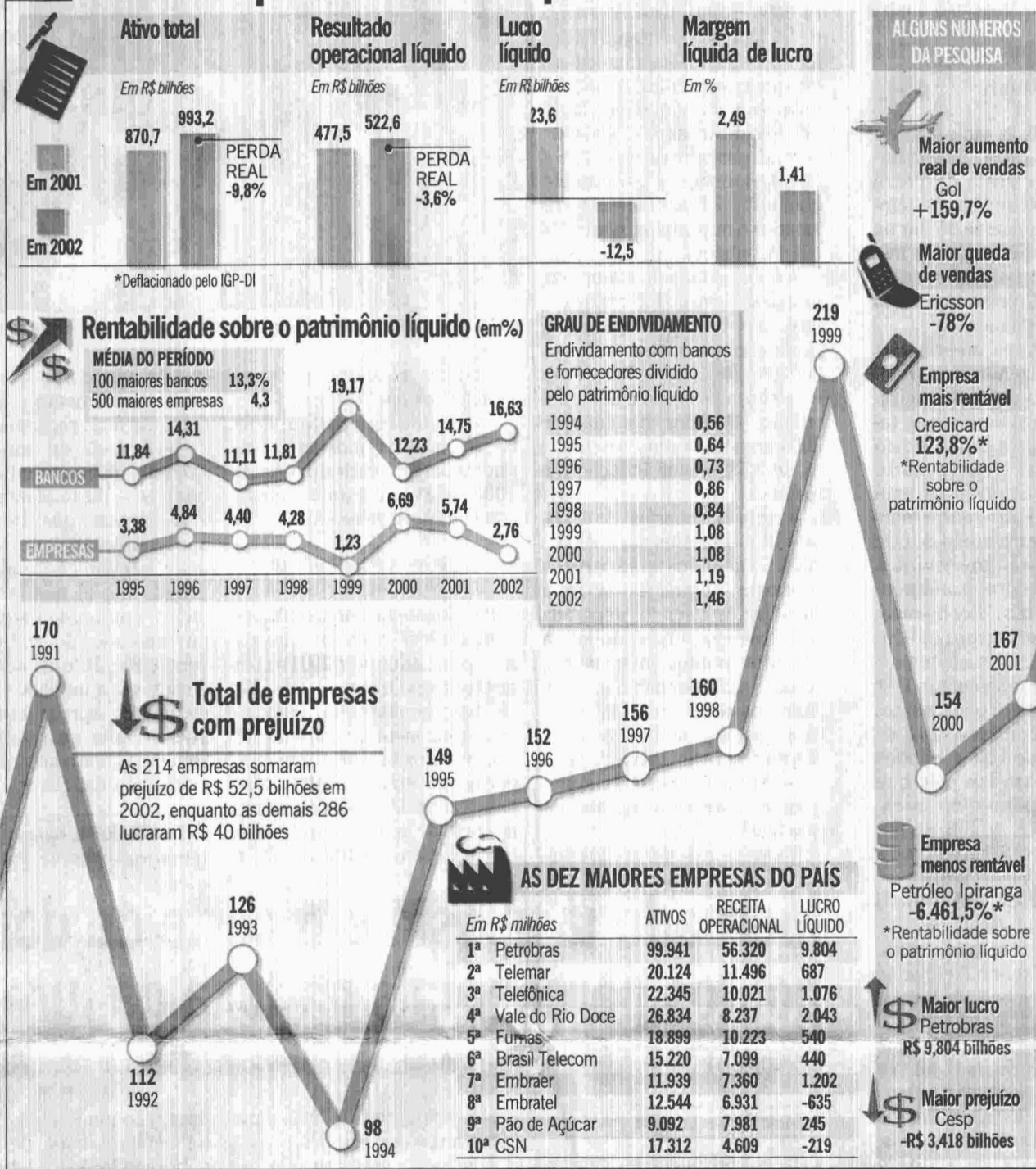
— Não chega a ser uma desgraça, mas para uma economia emergente é um nível perigoso de endividamento. Gera uma certa asfixia em termos financeiros, especialmente tendo em vista a situação econômica do país, com a demanda em queda e os juros muito altos — diz o economista Aloísio Campelo Jr., responsável pela pesquisa divulgada ontem.

Petrobras lidera ranking desde 94

• Um nível alto de endividamento seria até saudável, se as companhias estivessem operando num ambiente de expansão econômica. Em países desenvolvidos, como os EUA, lembra Campelo Jr., empresas de boa reputação devem o dobro, até o triplo de seu patrimônio. No caso brasileiro, a situação é perigosa porque o passivo das companhias está atrelado ao dólar. Em 2002, o peso das dívidas disparou em razão da forte desvalorização do real. Não por acaso, os setores de pior desempenho foram os mais endividados em moeda estrangeira: transportes aéreos, eletricidade e telecomunicações.

Apesar de a maioria das empresas (286) do ranking ter registrado lucro em 2002, o resultado negativo prevaleceu em valores: R\$ 40 bilhões, contra R\$ 52,5 bilhões de perdas observadas nas outras 214. Em 1999, pior ano da série, 219 companhias fecharam no vermelho. Nos anos 70, auge do chamado milagre econômico brasileiro, houve ocasiões em

O desempenho das companhias



Agora, conjuntura pior que balanços

• Apesar da queda brutal da atividade econômica nos primeiros meses, o economista Aloísio Campelo Jr. não acredita que os resultados financeiros das empresas brasileiras em 2003 sejam piores que os do ano que passou. Com base nos 200 balanços do primeiro semestre divulgados até agora, o responsável pela lista das 500 maiores afirma que este ano será melhor:

— Em 2003, curiosamente, as empresas estão comemorando resultados melhores. Nos dados divulgados até agora, o faturamento aumentou e o endividamento caiu. Apenas dois setores não se recuperaram: energia e material eletrônico de comunicações.

A melhora dos resultados tem a ver com a queda do dólar e com a elevação das margens de lucro, na onda inflacionária. A apreciação do real, ao mesmo tempo, reduziu o valor das dívidas cambiais e permitiu a antecipação de pagamentos.

Se os balanços estão melhores que a conjuntura, por que tanto pessimismo no empresariado? Para Campelo Jr., o desânimo é resultado da expectativa de retomada do crescimento já nos primeiros meses do governo, que foi integralmente frustrada pela prioridade dada ao combate à inflação.

que todas as 500 empresas tiveram lucro. E mesmo em 1991 — quando o país enfrentava sua maior recessão, em decorrência do confisco do governo Collor — apenas 170 companhias tiveram prejuízo.

A rentabilidade das sociedades anônimas (S/A) brasileiras também desmoronou em 2002, atingindo o segundo pior índice dos anos pós-Real. Num flagrante contraste com o desempenho dos bancos, o retorno financeiro das 500 maiores ficou em 2,76%, menos de um quinto da rentabilidade das cem maiores instituições financeiras, de 16,63%.

Na lista da FGV, a maior parte das

empresas que foi bem em 2002 estava ligada ao setor exportador. Os quatro setores de melhor desempenho foram mineração, metalurgia, açúcar e álcool e a produção de fertilizantes. Este último, embora não exporte, produz essencialmente para o agronegócio, umas das forças do comércio exterior brasileiro.

A Petrobras manteve-se na primeira posição no ranking das 500 maiores pelo nono ano consecutivo. A empresa leva vantagem em faturamento em ativos e livrou as 60 empresas públicas da lista de um prejuízo total de R\$ 14 bilhões. É que a petrolífera lucrou, em 2002, R\$

9,804 bilhões, o que melhorou o desempenho das demais estatais. A Telemar subiu uma posição, passando à segunda maior empresa, à frente de Telefônica, Vale do Rio Doce e Furnas. Entraram no grupo este ano a Gol (única aérea a ter lucro em 2002), a operadora de celular Oi, os supermercados Zona Sul, a rede Cinemark e as lojas Leader. O ranking não inclui bancos nem montadoras.

Com ociosidade próxima de 35% da capacidade instalada, o setor de infraestrutura aposta na recuperação dos negócios neste semestre. É o que mostra a pesquisa divulgada ontem pela Associação Brasileira da

Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib). Realizada no início do mês, a sondagem mostrou que 57% dos associados da Abdib acreditam que os próximos seis meses serão melhores que os anteriores. Para 14%, o cenário será idêntico e outros 29% consideram que a segunda metade de 2003 pode ser pior. ■

COLABOROU: Aguinaldo Novo

► NO GLOBO ON LINE:

Veja a íntegra da pesquisa da Fundação Getúlio Vargas sobre as 500 maiores empresas
www.oglobo.com.br/economia